

UMA SOCIEDADE À DERIVA

ESCOBAR, Enrique; GONDICAS Myrto; VERNAY, Pascal. (Orgs.). *Uma sociedade à deriva*: entrevistas e debates, 1974-1997. Tradução Cláudia Berliner. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006. 310 p.

Rodrigo Barchi

Mestre em Educação pela Uniso
E-mail: rbarchicore@uol.com.br

Em um dos textos de “Uma sociedade à deriva”, Cornelius Castoriadis cita a seguinte situação: um dia o sol irá se tornar uma estrela gigante vermelha, sendo que seu tamanho será tão grande que estará onde é hoje a Terra ou Marte; o Partenon, Notre Dame, os quadros de Rembrandt e Picasso serão reduzidos a prótons fornecendo energia a ele.

Diante disso, olhando para um penhasco, a humanidade cria duas respostas possíveis.

A primeira que não aceita e nem quer aceitar essa hipótese, buscando em fontes como o Alcorão, o Velho e o Novo Testamento, a Torá, respostas e possibilidades que não podem formular.

A segunda, diz ele, não fecha os olhos, e acaba criando significações sociais e históricas, sem as quais não haveria possibilidade de vida individual ou social. A tarefa dos seres humanos, então, é saberem-se mortais, e manterem-se em pé diante da beira desse abismo, um caos destituído de sentido, praticamente à deriva, dos quais são criadas as significações.

“Uma sociedade à deriva” é o título da recém-lançada coletânea publicada pela Editora Idéias e Letras, organizado por Enrique Escobar, Myrto Gondicas e Pascal Vernay, nas qual estão dispostas 25 entrevistas e debates do economista, psicanalista, filósofo e militante grego Cornelius Castoriadis (1922-1997).

O livro traz textos correspondentes à segunda parte da carreira do autor, desde que ele deixou o grupo Socialismo ou Barbárie, que havia organizado logo após a Segunda Guerra Mundial, em 1948, juntamente com filósofo francês Claude Lefort, até suas últimas preocupações em torno da ecologia e da globalização.

Esta coletânea possibilita uma introdução à obra de Castoriadis, já que no texto “Porque não sou mais marxista” (1974), esclarece boa parte de seu itinerário da 1ª fase da carreira, quando explica o fim do “Socialismo ou Barbárie” e seu “abandono” do marxismo.

Um esboço da vida acadêmica e social do autor é mostrado na cronologia no fim do livro, e, relacionada aos fatos sociais, políticos, ambientais e culturais (especialmente franceses) desde seu nascimento, até lançamentos post-mortem, o que nos dá uma idéia melhor e mais explícita das suas preocupações em determinadas épocas.

O livro é dividido em duas partes. A primeira traz cinco textos, postos de modo não cronológico, que de certa forma retomam um itinerário das preocupações de Castoriadis, entre elas, a questão da utopia e das significações imaginárias. A segunda traz os dezenove textos restantes, de maneira cronológica (1977-1997), indicados como intervenções.

Conforme está na apresentação do livro, e que pode ser comprovado durante a leitura dos

textos, é evidente que não são textos de análise ali dispostos, e sim, de intervenção política. Tanto que toma a liberdade de fazer diversas “afirmações brutais”; criticando desde a “idiotice do fim da história de Francis Fukuyama”, e a “miopia dos partidos verdes europeus”, até disparar contra o conceito contemporâneo de democracia (representativa), ao qual dá o nome de “oligarquias liberais”.

São abordados, durante as entrevistas e debates, a situação e o fim da ex-URSS, a Rio-92, a guerra da ex-Iugoslávia, a unificação europeia, o Plano Juppé e outras políticas estatais francesas entre os anos 1970 e 1990, a globalização, o neoliberalismo, entre outras questões.

Pode-se observar no livro um Castoriadis militante político e ecologista, internacionalista, pan-europeu, ácido e autogestionário.

Por ser textos de intervenção, dispostos principalmente na segunda parte do livro, em ordem cronológica, e na maior parte das vezes com temas relativos aos acontecimentos dos períodos das entrevistas, pode-se afirmar que o livro é uma boa introdução ao pensamento de Castoriadis, no que se refere à determinados conceitos que se transformaram em clichês.

Castoriadis aborda de maneira séria, profunda e libertária, as noções de democracia, autonomia, utopia, política, ecologia e revolução. Sobre as quais sugere uma abordagem mais cuidadosa e eficiente.

Por exemplo, quando aborda a democracia, chama a atual democracia representativa de regime das oligarquias eletivas e liberais, já que os estratos dominantes estão muito bem entrincheirados no poder. Com algumas mudanças a cada cinco anos, mas sempre sendo renovados pelas “camadas inferiores” por indivíduos que melhor se adaptaram ao jogo social organizado por esses mesmos estratos hegemônicos. Sem contar o fato no qual as escolhas oferecidas aos eleitores são sempre pré-determinadas.

Ao conceito de representatividade em democracia, Castoriadis apresenta uma idéia de democracia participativa ou direta, formada por uma pluralidade de indivíduos que tem a possibilidade efetiva de influir sobre o que acontece. Aí também está a sua noção de igualdade: não a de indivíduos uniformes e idênticos, mas com as mesmas chances de participar sobre as decisões que lhes dizem respeito.

Essa participação é hoje impossibilitada devido ao fato das pessoas quererem participar somente se realmente fizerem uma diferença. O que também é impossibilitado devido às estruturas burocráticas hierárquicas (Estado) destruírem as solidariedades, e ao capitalismo ter transformado os lugares tradicionais de socialização em cascas vazias.

Ou seja, a apatia que o capitalismo causa as pessoas, fazendo-as se confinar no espaço individual ou micro-familiar, destrói o espaço público como espaço de atividade coletiva, tirando delas o meio pelo qual elas podem tentar tomar pelas próprias mãos o seu destino. Conforme Castoriadis, a privatização dos indivíduos os faz abandonar os espaços coletivos e públicos, deixando todas as decisões a cargo da burocracia e dos especialistas.

Outro caso é quando fala em autonomia. Esta idéia sugere a supressão dos grupos dominantes e das instituições que encarnam e instrumentam essa dominação, dando lugar ao autogoverno das coletividades e à auto-organização da sociedade. Mais especificamente, Castoriadis chama a autonomia de auto-instituição explícita da humanidade. Explícita, pois diz que a sociedade é sempre auto-instituída, mas não sabe disso.

Para ele, os movimentos a favor da autonomia são as tentativas de diferentes categorias

de pessoas que visam deixar de se submeter à instituição (imaginária) da sociedade (como é imposta) e tentam modifica-la. E que geralmente, a parte importante desses movimentos foi formada por indivíduos anônimos. Foi assim entre os ecologistas, entre os jovens de 68, entre as feministas, e entre os homossexuais.

Autonomia que, de acordo com ele, não pode ser confundida com utopia, já que esta última, não ocorreu e não pode ocorrer. E sim, como um projeto revolucionário de autogestão individual e coletiva (sendo os dois indissociáveis), social e historicamente possível.

Castoriadis considerava as reivindicações do ecologismo como muito próximas ao que ele chamava de autonomia, justamente por ser ele um movimento - ao mínimo no que diz respeito às suas origens - extremamente subversivo ao imaginário capitalista, por mostrar o impacto catastrófico da lógica capitalista sobre o planeta, sem respeitar seus limites físicos.

E justamente por ser subversivo, ele é carregado de responsabilidade política. Para ele, a verdadeira questão da época é a política - a qual deve fundamentar as atitudes dos seres humanos contemporâneos, da sociedade, dos fins da vida, do que somos e devemos ser uns para os outros, ou seja, do que é importante.

Ao abordar a maioria dos movimentos e partidos ecológicos de hoje como “hobbies” e “lobbies”, principalmente quando cita os ecologistas bucólicos e os partidos ecologistas - por não conseguirem enxergar os problemas ecológicos como questões sociais - Castoriadis lamenta o fato de que a ecologia ter perdido seu caráter fundamentalmente autogestionário e libertário, tendo se enquadrado aos padrões burocráticos, e não à uma concepção democrática sugerida como participativa e direta.

Afirma, portanto, que por ser uma preocupação imanente aos problemas sociais do século XXI, ela pode ser usada por regimes autoritários como uma imposição às sociedades, não sendo debatida abertamente, muito menos sendo tratada como uma questão política e econômica.

Castoriadis sugeria a ecologia como um movimento que desejava a autonomia e autogestão, que queria as reformulações profundas e contínuas das instituições da sociedade, de maneira que chamava de revolucionária, que exigia mudanças profundas na organização psicossocial da sociedade ocidental contemporânea, na sua atitude com a vida e com o imaginário. O qual, aliás, está presente em todo o seu discurso.

O imaginário, ou as significações imaginárias sociais, para Castoriadis são as orientações que penetram toda a vida da sociedade, dirigem-na e orientam-na. Elas são criadas justamente para que o ser humano viva na sociedade, e por ela. Sejam os espíritos, os deuses - ou o Deus único - a polis dos gregos, o cidadão, a nação, o Estado, o partido, o capital, a mercadoria, a virtude, o tabu, o pecado. Para ele, o que faz todos os franceses ficarem juntos é o fato de eles pensarem: Somos franceses!

São significações imaginárias, pois foram e são continuamente criadas pelo imaginário humano; as quais, muitas vezes, se utilizam de instrumentos “racional” - científicos - para entender ilimitadamente a sua produção e seu poder, já que o que interessa hoje é a produção ilimitada e ininterrupta.

Uma significação imaginária comumente usada até hoje é a de progresso, a qual Castoriadis afirma que “perdurará enquanto perdurar”. Mas que como idéia, é falaciosa, já que não acredita que tivesse havido progresso na humanidade, a não ser em um domínio lógico-instrumental.

Cita que houve progresso entre o sílex e a bomba H, devido ao fato que esta última pode matar eficientemente muito mais em menos tempo.

O problema, é que essa idéia de progresso é hegemônica, e ela não pode ser parada a nenhum custo. Assim como é a exploração dos recursos naturais, o consumo, a produção, e o crescimento econômico das nações.

Por isso que acreditava que a sociedade humana contemporânea é imprudente. Seja por não ultrapassar as fronteiras imaginárias, que continuam levado aos conflitos, à desigualdade, às injustiças e heteronomias, justamente por serem elas os avatares da significação do progresso. Seja pela destruição antropológica dos seres humanos, transformados em animais produtores e consumidores, embrutecidos, e também dos seus meios de vida, empobrecendo e modificando irreversivelmente o planeta.